

A CELEBRAÇÃO DA DIFERENÇA: RESSIGNIFICAÇÃO TERENA DE RITUAIS E FESTIVIDADES

THE CELEBRATION OF DIFFERENCE: TERENA RESIGNIFICATION OF RITUALS AND FESTIVITIES

Iára Quelho de Castro¹

RESUMO: Este artigo foi desenvolvido a partir do relatório apresentado ao Programa de Iniciação Científica 2016/2017, apresentando como objeto os rituais e festividades tidos como tradicionais entre os Terena de Mato Grosso do Sul, considerando-se que constituem um campo fértil para a problematização das noções de tradição e cultura, largamente utilizadas nos discursos de defesa dos direitos indígenas. Trabalha-se a hipótese de que é por meio do processo de ressignificação cultural que os contemporâneos povos indígenas atualizam e buscam legitimar sua forma de atuação no interior da sociedade nacional. Em um conturbado cenário de relações interétnicas e de lutas pela terra, os Terena exibem performances ritualísticas e festivas evocadas como tradição e sinal de sua indianidade. A partir desses pressupostos buscou-se discutir essa dimensão da história do grupo, dialogando-se com os novos sentidos atribuídos às atividades culturais consideradas tradicionais, por meio do estudo da literatura etnográfica. Apresenta como orientação teórica e metodológica a abordagem da nova História Indígena, situando-se os indígenas como protagonistas de sua própria história. Conclui-se que os Terena ressignificam sua dança e performances xamanísticas em suas lutas de defesa dos seus direitos, sobretudo daqueles que se referem aos seus territórios, ainda em disputa. Nas manifestações públicas exibem seus ornamentos de guerra e as rezas de seus xamãs, em um movimento de atualização de suas pautas culturais.

Palavras-chave: História Indígena; Tradição; Ressignificação cultural.

ABSTRACT: This article was developed from the report presented to the Scientific Initiation Program 2016/2017, presenting as an object the rituals and festivities considered traditional among the Terena of Mato Grosso do Sul, considering that they constitute a fertile field for the problematization of notions of tradition and culture, widely used in the discourse of defense of indigenous rights. The hypothesis is that it is through the process of cultural resignification that contemporary indigenous peoples update and seek to legitimize their form of action within the national society. In a troubled scenario of interethnic relations and struggles for land, the Terena exhibit ritualistic and festive performances evoked as tradition and a sign of their Indianness. Based on these assumptions, we sought to discuss this dimension of the group's history, dialoguing with the new meanings attributed to cultural activities considered traditional, through the study of ethnographic literature. It presents as a theoretical and methodological orientation the approach of the new Indigenous History, placing the indigenous people as protagonists of their own history. It is concluded that the Terena resignify their shamanic dance and performances in their struggles to defend their rights, especially those referring to their territories, still in dispute. In public demonstrations they display their war ornaments and the prayers of their shamans, in a movement to update their cultural guidelines.

Keywords: indigenous history; tradition; culture resignification.

¹ Professora do curso de História e do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais - UFMS, Câmpus de Aquidauana. E-mail: iqcastro@uol.com.br.

Os Terena constituem o segundo maior coletivo indígena de Mato Grosso do Sul, e o quarto do Brasil, tendo uma história de convívio secular com a sociedade envolvente. Etnograficamente foram descritos como um grupo aberto ao mundo, desejoso de adquirir novas habilidades e conhecimentos, praticantes de uma política baseada no estabelecimento de aliança e de negociações. Aportam no século XXI como um dos mais ativos grupos articulados ao movimento indígena brasileiro, organizados em associações próprias tais como a Grande Assembléia Terena (*H'anati Ho'únevo Têrenoe*), vinculada a uma entidade indígena nacional denominada Articulação dos Povos Indígenas do Brasil e o Forum de Caciques.

O sentido político que os Terena vem conferindo às suas performances rituais e festivas foi construído no interior do contemporâneo movimento indígena, do qual participam ativamente, através das chamadas "novas lideranças", em contraste ou em conjunto com as lideranças tradicionais. Nesse novo cenário, no qual prosseguem com a luta por direitos constitucionalmente estabelecidos, os Terena trazem à cena pública os seus xamãs e suas rezas, apresentam suas danças, vestimentas e artefatos considerados tradicionais, constituindo um fértil campo para a exploração do processo de ressignificação que diferentes grupos indígenas realizam no tempo presente. No conturbado cenário de relações interétnicas, construídas no interior da sociedade nacional, buscam um espaço de atuação em defesa de seus direitos, à terra, educação diferenciada e saúde. Todos esses elementos foram apropriados no curso de sua história e configuram uma série de transformações naquele grupo, formando um instigante campo de investigação.

Nesse sentido foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica e empírica apresentada no Programa de Iniciação Científica, que foi possibilitada pela existência de descrições etnográficas, registros historiográficos, pesquisas e trabalhos acadêmicos, que representam um expressivo acervo disponível para a percepção de rituais e celebrações festivas realizadas pelos Terena ao longo da história. Além disso a existência de evidências empíricas, da persistência de rituais tidos como tradicionais entre os Terena tornou possível o estabelecimento de comparações entre antigas e novas tradições, isto é, velhas e ressignificadas tradições. Essas são iluminadas por um novo e renovado quadro conceitual e interpretativo sobre os povos indígenas, desenvolvido e usado nas últimas décadas, que permitem compreender as histórias indígenas, levando-se em consideração o dinamismo e a historicidade da cultura, isto é, como permanente processo de construção, desconstrução e reconstrução (CUCHE, 2002). A percepção de processos de ressignificação que envolvem rituais e festividades "tradicionais", que ainda circulam entre os Terena contemporâneos,

portanto, permitem vislumbrar mudanças, transformações e continuidades possíveis de serem investigados.

Para além de serem considerados como parte de tradições que os diferentes povos criam para dar sentido as suas existências, os rituais constituem-se como atos celebrativos das diferenças. Os indígenas celebram as diferenças entre os seres que habitam o cosmos, humanos e não humanos e, também, entre os próprios seres humanos. Tornou-se possível perceber os rituais indígenas enquanto uma “celebração das diferenças entre os seres humanos”, diferenças sem as quais não haveria nem troca nem cooperação. Para celebrar essas diferenças uma complexa trama de prestações – de comida e bebida, e em certas ocasiões, de cantos e artefatos – é colocada em movimento (SZTUTMAN, 2008). Rituais e festividades, portanto, constituem-se em importantes aspectos das experiências desenvolvidas pelos povos indígenas. E assim, apresentam-se como um tema essencial para uma melhor e maior compreensão de suas histórias.

A temática dos rituais e de celebrações festivas dos povos indígenas encontra-se presente em inúmeras pesquisas, sobretudo em relação aos povos amazônicos, como pode ser visto em coletâneas organizadas por Albert e Ramos (2002) e Viveiros de Castro (1993), por exemplo. Em relação aos Terena, especificamente, as referências podem ser encontradas desde o século XVIII, ao menos, com os registros coloniais espanhóis e portugueses, como os de Francisco Prado e Ricardo Almeida Serra, bem como de viajantes que circularam nas regiões do Gran Chaco e extremo oeste da antiga província de Mato Grosso, naquele período e descreveram, entre outros aspectos, os costumes e mitos indígenas. Para o século XIX destaca-se o memorialista Visconde de Taunay, que se tornou uma referência para os pesquisadores dos povos indígenas da antiga província de Mato Grosso, do Império brasileiro.

Dentre os estudos antropológicos vale destacar o trabalho de Lévi-Strauss (2004) que, embora não trate especificamente dos Terena, esses são mencionados nessa obra que representa o mais clássico dos trabalhos sobre mitologia. Menciona-se, ainda, o trabalho da antropóloga Branislawa Susnik (1978) que levantou as fontes de arquivo existentes para o estudo dos povos indígenas da região do Gran Chaco, dentre os quais se encontravam os antigos Terena, e que incluem a descrição dos seus rituais e festividades míticas. Destacam-se, como estudos específicos sobre essa temática, aqueles realizados por Altenfelder Silva (1949), Baldus (1950) e os de Oliveira (1976).

Além dessas fontes etnográficas e historiográficas mais antigas constata-se ainda, a produção de conhecimento mais recente, que incide diretamente no tema dos rituais Terena, como pode ser visto nos estudos realizados por Carvalho (1996 e 2008), Martinez

(2003), Cunha (2009), Acçoline (2012), Batista (2014), Gondim (2014), Oliveira (2016), entre outros; e em obras mais gerais, como a de Bittencourt e Ladeira (2000) e, pontualmente, em dissertações e teses, como pode ser visto em Moura (2001 e 2009), Santana (2004), Silva (2009).

O material bibliográfico levantado e estudado permitiu a identificação do ritual xamânico e o *Kohioxoti-Kipaé*, conhecido como Dança do Bate-Pau, como as principais performances realizadas pelos Terena e que reaparecem em suas manifestações atuais, sejam aquelas com um caráter mais aguerrido, como no movimento de luta, quanto nas atividades festivas.

Essas performances ritualísticas e festivas aparecem em tempos coloniais, conforme pode ser visto em estudos etnográficos como os de Susnik (1978), Taunay (1932) e Metreaux, possibilitando perceber a historicidade daquelas manifestações da cultura Terena e o processo de reconstrução frente aos desafios impostos pelo movimento da história vivida daquele grupo, expressos contemporaneamente pela persistência de conflitos territoriais.

Imagens registradas no passado, captadas da literatura etnográfica e fotografias do presente, captadas nas Grandes Assembleias Terena, possibilitam perceber as semelhanças existentes e as atualizações realizadas na contemporaneidade, que mostram a criatividade e a persistência do grupo em reafirmar sua identidade étnica.

Desta forma, neste artigo apontamos como os rituais e celebrações festivas entre os Terena, aparecem na literatura etnográfica e como circulam, se circulam ainda hoje, perscrutando as ressignificações e novos sentidos apresentados na contemporaneidade.

A interpretação dos dados coletados, — procedentes da pesquisa bibliográfica — foi orientada pelos pressupostos teóricos da “nova história indígena” (MONTEIRO, 1995; 1999; 2001; e ALMEIDA, 2003), que alia a pesquisa documental ao registro das percepções indígenas, em um procedimento mediado pela noção de cultura enquanto processo dinâmico e histórico (CUNHA, 2009). Foram utilizadas, também, as noções de apropriação (MARCUS; FISHER, 1986), de reinterpretação (HERSKOVITZ, 1963) e de recomposição identitária (MONTEIRO, 2001; OLIVEIRA, 2003), como recursos teóricos que permitiram perceber o dinamismo da cultura e diferentes estratégias formuladas pelos povos indígenas frente aos desafios que se lhes foram, e são, impostos. A partir dessas referências se buscou visualizar as manifestações culturais dos Terena, entendendo-os como sujeitos de sua própria história.

Compreendendo a cultura como um permanente processo de construção, desconstrução e reconstrução, percebem-se os movimentos de apropriação e de reinterpretação indígenas de discursos, objetos e eventos aos quais os povos indígenas

estiveram e estão sujeitos, dada a situação de contínuo contato com a sociedade envolvente, sem que isso signifique o fim de suas culturas e do estatuto étnico.

Buscou-se problematizar as teorias das “perdas culturais” sob a qual emergiram as figuras de índios “descaracterizados”, que resultaram na negação da categoria étnica, genericamente denominada de “índios” e, conseqüentemente, na negação dos direitos específicos concedidos pelo Estado brasileiro aos povos indígenas. As novas perspectivas de interpretação e análise da história indígena encontram-se amplamente explicitadas em dissertações e teses acadêmicas apresentadas nas duas últimas décadas que, em sua maioria, se realizam sob os pressupostos de que os povos indígenas são agentes históricos e que, como qualquer grupo humano, estão sujeitos às mudanças e transformações.

As novas abordagens que permitem perceber a historicidade das culturas e os processos de apropriações indígenas podem ser encontrados em estudos apresentados por Viveiros de Castro (1993), Monteiro (1995; 1999 e 2001), Pacheco de Oliveira (1999), Albert (2000), Almeida (2003), Bittencourt e Bergamaschi (2012), Correa da Silva (2013), que a partir de diferentes ângulos trabalham ou indicam as noções de apropriação, reinterpretação e resistência indígena. Essas permitem tratar os rituais e performances indígenas sob a perspectiva das mudanças e ressignificações ocorridas ao longo do processo histórico.

O arcabouço teórico e conceitual existente, em suma, permite compreender que, embora transformados, os contemporâneos indígenas se apresentam cada vez “mais índios”, como se vê no atual movimento indígena.

Algumas considerações e caminhos podem ser apontados, a partir dessa pesquisa. Em primeiro lugar, verifica-se que em grupos que vivenciam intensamente o contato com a sociedade envolvente, como os Terena, pode-se pensar que, ao se recuperarem as memórias e as tradições, parcialmente esquecidas ou omitidas, o saber histórico pode desempenhar outro papel na vida da comunidade. Pode contribuir no sentido de valorizar um passado que tem sido esquecido, tanto pelas memórias locais quanto pela própria historiografia oficial, omissa em relação aos povos indígenas na história da formação brasileira, em geral, e especificamente, da história da região de Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, a recuperação das histórias e memórias indígenas pode contribuir para transformar a historiografia que predomina hoje. Incorporadas à historiografia, as novas representações poderão contribuir para a percepção do protagonismo indígena,

A pesquisa realizada permitiu perceber a persistência de rituais xamânicos entre os Terena, sobretudo nas aldeias de Cachoeirinha, em Miranda; Buriti, em Dois Irmãos do Buriti; Bananal e Limão Verde, em Aquidauna, conforme pode ser visto nos estudos de

Carvalho (1996; 2008), Moura (2003), Silva (2009), Acçolini (2012), Gondim (2014), Batista (2014) e Oliveira (2016), entre outros.

Oliveira (2016, p.177) constatou que “por meio deste sincretismo, os Terena da Aldeia Buriti vêm ressignificando a sua cultura de forma a mantê-la” e que “o Xamanismo é o ritual ao qual a comunidade recorre em busca de energias benéficas e também a partir do qual a comunidade recebe a proteção de seus ancestrais”, assinalando que:

Os rituais de pajelança estão presentes no cotidiano da Aldeia Buriti, e as famílias os procuram para tratarem dos problemas de saúde. Na semana santa, especificamente na sexta-feira, os pajés preparam a sua tenda com uma cobertura branca, e os alicerces são pintados de cor azul e vermelho em forma de uma serpente enroscada na madeira que sustenta a tenda. (OLIVEIRA, 2016, p. 178)

Koixomunetí, porungueiro, curador, pajé e rezador são algumas das denominações atribuídas aos realizadores das atividades xamânicas entre os Terena. É possível estabelecer diferenças entre os termos e, não obstante, conforme assinalam Carvalho e Acçoline (2012), se pode afirmar que todos expressam uma religiosidade sincrética, na qual se verifica os processos de apropriação e ressignificação de sentidos:

Apesar da forte presença do cristianismo (catolicismo e protestantismo) na Aldeia Buriti, seus devotos persistem a prática do remediar e cuidar de sua espiritualidade dentro da sua religiosidade tradicional, o xamanismo. O adotar o catolicismo jamais os levou ao abandono de estarem participando dos momentos de realização do *Ohókoti-xamanismo* por meio dos rituais feitos pelos purungueiros. (OLIVEIRA, 2016, p. 186)

Assim, se percebe que o longo processo de contato produziu modificações nos rituais tradicionais, ocorrendo a incorporação de novos elementos e a persistência:

Frente ao protestantismo, a visão sobre o xamanismo e os xamãs passou por mudanças, mas a leitura feita pelos evangélicos terena não fez com que esse sistema subsumisse; ao contrário, é digno de novas explicações que integram um e outro sistema numa mesma atmosfera religiosa. (AÇCOLINI, 2012, p. 44)

Nesse sentido também se considera o estudo do Terena Eder de Alcântara Oliveira, que assinala a apropriação de elementos e eventos do cristianismo incorporados ao xamanismo presente da sua aldeia:

Analisando o ritual, vemos que a influência do cristianismo dentro da Aldeia Buriti fez com que a Semana Santa, que é lembrada pelos católicos pela morte de Jesus Cristo, fosse absorvida pelo xamanismo fazendo parte da cultura Terena, na qual, nesse dia, a xamã ou a pajé traz a cura e as recomendações dadas pelos ancestrais. Nesse processo de incorporação do protestantismo e catolicismo, o xamanismo na Aldeia Buriti sobrevive e se relaciona com as outras crenças, principalmente nas horas em que a comunidade passa por momentos difíceis, como a luta pela terra tradicional. Nesse momento, todos se reúnem em forma de círculo, e cada um reza da sua forma antes de os guerreiros irem para a retomada. (OLIVEIRA, 2016, p. 182)

Naine Terena de Jesus que estudou o ritual do Kohixoti-Kipaé da aldeia de Limão Verde fez importantes observações que indicam a persistência de atividades xamânicas entre os atuais Terena cristianizados e seus significados:

Os ensinamentos cristãos, com algumas exceções, pouco significam para eles enquanto doutrina religiosa propriamente dita. Tanto é que os frequentadores dessas igrejas ainda participam de sessões de pajelança, embora se afirme que essas práticas subsistem como simples técnicas de curar doenças, e deveriam ser tidas como incompatíveis com a fé cristã. (JESUS, 2007, p. 40)

Gondim (2014) também constatou em seu trabalho de campo realizado na aldeia de Limão Verde, situada no município de Aquidauana, a persistência de atividades xamânicas transformadas pela introdução do cristianismo entre os Terena:

Encontramos dois *curadores* ou *benzedores* da aldeia, citados como senhor Evaldo Vicente Dias e Dona Filomena. O senhor Evaldo se diz católico, na ocasião usava de um saio de fibra de Buriti e relatou trabalhar com batismo antigo [batismo realizado antes do catolicismo, feito com sal marinho e folhas de laranjeira. Segundo o senhor Evaldo, para proteger a criança do Saci e maus espíritos] “tirar terço” e mau olhado, usufruindo de imagens de santos, como São Sebastião. Cada família apresenta a devoção a um santo e o xamã, como explica o senhor Evaldo, deve rezar através do santo que tem santuário na casa da família que o convocou para as bênçãos. (GONDIM, 2014, p. 103)

Vestígios sobre a presença do xamanismo também podem ser encontrados na aldeia Água Branca, em Aquidauana. BATISTA (2014) estudou o particular caso daquela que considerou a última *Koixomuneti* da aldeia Água Branca, então com a idade de 88, observando que a anciã enfatizou a finalidade de cura de sua atividade xamânica, que é realizada usando-se uma “porunga”, que possui no seu interior pedras que chocalhadas afastam as doenças.

As produções acadêmicas mais recentes, como se viu anteriormente, permitem corroborar a interpretação dada por Açcolini:

A questão a se ressaltar é a de que, mesmo apropriando, “domesticando”, ressimbolizando elementos que não fazem (faziam) parte do arcabouço xamânico terena, defronte ao cristianismo, tanto o católico romano quanto o propagado pelo protestantismo, essas inovações ocorreram e espelham a capacidade de transformação do xamanismo que, mesmo frente à violência civilizadora empreendida por diversas agências religiosas, não apenas sobrevive, mas se enriquece. (AÇCOLINI, 2012, p. 44)

Contemporaneamente se observa a constante presença do(a) *Koixomuneti* no movimento indígena, quer seja nos momentos mais cruciais como na luta pela retomada de territórios, ou nos momentos festivos nos quais celebram vitórias e agradecem por meio das rezas de seus xamãs.

Vale ressaltar o importante papel que o xamanismo exerce no teor da comunidade, pois é dela que também vêm as forças benéficas em poder lutar e permanecer lutando pelo seu território tradicional. A terra para o Terena é um bem incondicional, é a fonte da sobrevivência para a reprodução física e cultural do povo. (OLIVEIRA, 2016, p. 186)

FIGURA 1 - Xamã Terena na 10ª Assembleia Terena. Aldeia Buriti. Município de Dois Irmãos do Buriti, 2014, foto disponibilizada online pelo Conselho Terena.



Fonte: Disponível em: conselhoterenams.wordpress.com/category/imagens/ e APIB. Acesso em: 31 maio 2017.

A imagem acima, retratando uma xamã na 10ª Grande Assembleia Terena, ocorrida em 2014, na aldeia Buriti, remete às considerações de Hugo Cesar F. Gondim, que nota que atualmente “observamos a reaparição da figura xamânica vinculada ao movimento indígena e, particularmente, as demandas atuais do fenômeno da “retomada” de terras tradicionais” (GONDIM, 2014, p. 14) e, dessa forma associa a presença do ritual xamânico à atuação dos Terena em defesa dos seus territórios:

Muitos povos tradicionais, dentre eles os atuais Terena de Mato Grosso do Sul, reclamam e reivindicam por suas territorialidades para que, além de sua economia e estratégias políticas, também suas práticas culturais possam estar seguras. Não são terras indefinidas ou desconhecidas para o povo Terena, mas se tornaram o caos nas mãos dos *purutuye* e precisam ser além de retomadas e demarcadas, recosmicizadas pelos seus xamãs. Entendendo que esse território indígena Terena é consagrado a partir das manifestações de práticas rituais e míticas empreendidas pelos seus xamãs, os *Koixomuneti*. Sob a ótica do xamanismo [...] é necessário que esse *locus vivendi* tradicional tenha uma comunicação com os deuses-heróis da cosmogonia indígena, o que nos releva a importância das práticas mágico-religiosas do ponto de vista identitário e cultural no contemporâneo contexto de retomada de terras tradicionais. Nesta perspectiva, os xamãs e as xamãs Terena são importantes sujeitos na reafirmação cultural dessa população, para além de seus outros atributos sociais também de extrema relevância para as identidades do grupo. (GONDIM, 2014, p. 65)

A literatura etnográfica existente, e que foi revisitada por ocasião desta pesquisa, permite considerar que existe uma nova leitura sobre a história indígena no que se refere ao uso de renovadas e novas concepções para se tratar da história dos povos indígenas. No trabalho realizado constatou-se o uso das noções de apropriação, ressignificação e atualização de pautas culturais nos estudos publicados sobre os rituais e festividades dos Terena, vistos sobretudo em Carvalho (1996), Moura (2009), Açcolini (2012), Gondim (2014) e Oliveira (2016), entre outros. Essas abordagens concorreram para se tratar o objeto desta pesquisa longe das teorias das perdas culturais que, por longo tempo, povoaram as pesquisas históricas e antropológicas relacionadas aos povos indígenas. Dessa forma foram utilizadas as noções que permitem perceber o movimento da cultura no interior do processo histórico, das conjunturas vivenciadas pelos Terena, da recepção desses aos eventos com os quais se defrontaram na sua trajetória de convívio com a sociedade nacional.

Para Açcolini (2012, p. 45) existem constantes atualizações e que essas mostram a capacidade dos coletivos indígenas em interação com a sociedade nacional de, criativamente, "se apropriarem, como no caso dos Terena, da doutrina protestante em paralelo a mudanças reunidas ao círculo xamânico, à sua própria cosmologia".

Para Gondim (2014) "é possível notar algumas permanências rituais, como os objetos mágicos tradicionais e os métodos de cura. Contudo, o licor de mel citado anteriormente desaparece e dá lugar a cerveja, numa reconfiguração moderna do xamanismo (GONDIM, p. 93).

Souza (2006, p. 05) indica que a religiosidade tradicional, ainda que não praticada entre os convertidos às religiões cristãs, permaneceu nos atos cotidianos de famílias terena, que sempre se viram preocupados com as suas crenças tradicionais. "Assim, podemos perceber que apesar de toda influência das religiões cristãs, envolvidas numa cadeia de relações de dominação sociopolítica-econômica-cultural, a religiosidade tradicional Terena" (SOUZA, 2006, p. 05) ainda é transmitida de alguma maneira, como, por exemplo, nas danças com representação ou presença de Koixomuneti. Neste sentido, pelas diversas crenças religiosas presentes em Limão Verde compreendem-se as "diferentes formas de combinação entre uma tradição e cosmologia indígena Terena e uma tradição religiosa ocidental" (FERREIRA, 2007, p. 199), fundamentadas por uma construção histórica e cultural.

Utilizando como uma das suas fontes os convites produzidos pela Grande Assembléia Terena, fórum instituído por esse grupo para discutir e propor resoluções para os problemas

por eles enfrentados, Gondim (2014) pode constar a presença dos Xamãs nas atividades desenvolvidas, como uma das manifestações da identidade cultural daquele grupo:

Estes líderes religiosos são convidados para realizar rezas tradicionais, em inícios de eventos acadêmicos e de discussão nas aldeias indígenas. Suas *performances* xamânicas fazem parte de programação de solenidades rituais. Estes também são convocados para o movimento de retomada de terras Terena, como símbolos de recosmização desses territórios. Os *Koixomuneti* começam a reocupar o espaço público Terena, negado a eles pelas dinâmicas das religiões não-indígenas, como em eventos acadêmicos, prefeituras, secretarias e nas aldeias, afirmando a sua posição política relevante nos processos de contato entre os Terena e a sociedade. No VI Encontro dos Acadêmicos Indígenas de Mato Grosso do Sul, ocorrido em 2012 na Aldeia Buriti, observamos a presença de uma *Koixomuneti* que realizou uma solenidade fúnebre de abertura em homenagem ao professor Dr. Antonio Brand, importante pesquisador sobre as questões indígenas no Mato Grosso do Sul. Na Grande Assembleia do Povo Terena, realizada em maio 2014 na aldeia Babaçu, podemos observar no cartaz de convite, a presença de atividade de reza tradicional no primeiro dia, após a mesa com os líderes e as atividades culturais de danças e vídeo. É importante ressaltar que o cartaz também tem como imagem símbolo o rosto de D. Miguelina, uma *Koixomuneti* muito reconhecida entre os Terena atuais. (GONDIM, 2014, p. 132).

Nos diversos eventos promovidos por órgãos governamentais (como prefeituras e secretarias municipais e estaduais), bem como no âmbito acadêmico, representado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, verifica-se a presença de ritual realizado por um *Koixomuneti*, que apresenta seus canto e rezas.

O papel político-identitário que vem assumindo os *Koixomuneti* na cena pública contemporânea pode ser notado quando se verifica aquele posicionamento público em varios eventos, dos quais os Terena participam:

No evento do III Encontro da Juventude Terena, ocorrido na Retomada Esperança, em outubro de 2014, estivemos presentes principalmente pelo fato curioso de, pela primeira vez, aparecer na programação de um evento uma mesa redonda de lideranças tradicionais, onde os convidados foram denominados como rezadores das aldeias Cachoeirinha, Bananal, Ipegue e Água Branca. Apenas um dos rezadores pode aparecer no evento, o terena senhor Justo, que quando convidado a *performance* e fala, tomou a posição política de encorajar os jovens a luta pela retomada de terras tradicionais e para procurarem os *Koixomuneti* para valorizar a sua cultura. Também no evento, o rezador Justo realizou um canto católico e logo após um canto tradicional, além de reproduzir o som das danças tradicionais da ema e siputrena. Por fim, no cartaz da Grande Assembleia do Povo Terena, realizado em novembro de 2014, que ocorreu na aldeia Lalima, onde pudemos constatar novamente a presença em programação das rezas tradicionais como um momento solene de abertura do evento. (GONDIM, 2014, p. 133)

Frente a existência de inúmeras evidências bibliográficas e empíricas se pode corroborar com as considerações de Gondim que concluiu

que existe um movimento de reaparecimento do *Koixomuneti* nos espaços de diálogo Terena, que integram-se aos movimentos de luta indígena a partir de suas

apresentações públicas como rezadores e anciões, que realizam seus rituais e falam sobre suas experiências para os jovens. Os Terena não estão apenas recorrendo aos seus xamãs pela sua saúde, há uma reapropriação cultural desses xamãs como forças para a reiteração etno-cultural. (GONDIM, 2014, p. 134)

A presença e atuação dos Koixomuneti na vida e na história dos Terena aparecem em muitas fontes, dentre as quais se podem selecionar e estudar algumas que, embora sob diferentes perspectivas, pensam as transformações das *performances* como atos criativos, ressignificados frente aos contextos vividos por eles. Alguns refletem a questão de um possível desaparecimento, enquanto outros afirmam que os *Koixomuneti* se ausentaram do espaço público por uma série de motivos, como a perda de prestígio e restrições impostas pelos religiosos protestantes. Entretanto, a apropriação da doutrina protestante e a continuidade e atualização do sistema xamânico apontam para um movimento de elaborações e reelaborações, indicando pistas relevantes sobre a construção identitária e a reconstrução constante de alteridades na contemporaneidade desse coletivo indígena (AÇCOLINI, 2007).

A performance conhecida como Dança do Bate Pau, ou Dança da Ema ou *Kohioxoti-Kipaé* entre os Terena, é a manifestação pública mais visível, considerada como “típica”, pela sociedade envolvente e tradicional, pelos Terena.

Figura 2 - Apresentação do Kihoxoti-Kipaé da Aldeia do Bananal, na recepção aos calouros indígenas da UFMS, Câmpus de Aquidauana, em 2017.



Fonte: Acervo do CPAQ, UFMS/Câmpus de Aquidauana.

Figura 3 - Apresentação do Kihoxoti-Kipaé da Aldeia Buriti, na recepção aos calouros indígenas da UFMS, Câmpus de Aquidauana, em 2017.



Fonte: Acervo do CPAQ, UFMS/Câmpus de Aquidauana.

Além das diferenças nas formas de apresentação, como pode ser visto nas figuras 3 e 4 existem variações, diferentes versões e explicações para a origem do *Kohioxoti-Kipaé* (Dança da Ema). Altenfelder Silva (1949) entende que a dança tem origem na mitologia Terena. Analisando os estudos desse antropólogo Naine Terena de Jesus tece as seguintes considerações: "Ele [Altenfelder Silva] relata que um Koixumuneti durante um transe viu um espírito da floresta realizar os movimentos dessa dança. Desperto repassou todos os movimentos para seu povo" (JESUS, 2007, p. 68).

Não obstante, o *Kohioxoti-Kipaé* cristalizou-se na memória dos Terena vinculado aos festejos pelo fim da Guerra do Paraguai, como rememoram os anciãos Terena, conforme analisa Jesus (2007), que aponta para o significado que a dança representa, indo além da sua apresentação pública.

Para Oliveira (2016, p. 186) o Kihoxoti-Kipaé está relacionado à Guerra do Paraguai e que "é a partir da exposição das danças que os troncos velhos repassam a história de nossos ancestrais e sua participação como peça fundamental na preservação do território brasileiro durante o conflito sangrento da Tríplice Aliança". Nesse sentido ressalta a importância da história oral e o uso da memória para a história dos Terena, assinalando que na aldeia Buriti é frequente a prática dessa dança e que "seguem quase o sistema tradicional, pois esse ritual é realizado quando se consegue algo importante para o desenvolvimento da comunidade e também quando as autoridades públicas vão à aldeia" (OLIVEIRA, 2016, p. 179).

As etnografias consultadas permitem avaliar que o *Kohioxoti-Kipaé* não se resume à sua apresentação ao público, não se apresenta meramente como um espetáculo. O ritual mobiliza toda a comunidade em preparativos que antecedem a exibição. Esses reforçam o sentimento de pertencimento e os laços com um passado considerado comum ao grupo. Essa perspectiva encontra-se em Naine Jesus (2007, p. 62), pesquisadora Terena que considera que aquela dança "tona-se uma fonte de investigação para a compreensão da memória coletiva de um povo", e que a "memória e a resistência persistem cotidianamente dentro da comunidade e encontram voz na dança do Kohixoti-Kipaé, uma manifestação tipicamente Terena [...] que ao longo dos anos passou por um processo de miscigenação e contato direto com a sociedade brasileira" (JESUS, 2007 p. 116).

Nesse sentido, se pode afirmar que a cultura é alterada no curso da história, os esquemas culturais são ordenados historicamente, e que a transformação de uma cultura constitui também um modo de sua reprodução (SAHLINS, 1987).

No contexto histórico da luta indígena pelo reconhecimento dos seus direitos, os

Terena buscam se posicionar na cena pública contemporânea. No interior desse movimento se verifica a afirmação de diferentes formas de expressão cultural, dentre as quais são visualizadas as festividades consideradas tradicionais, que envolvem os ritos xamânicos, e o ritual do *Kohixoti-Kipaé*. As manifestações festivas funcionam como marcadores simbólicos da territorialidade indígena e, simultaneamente, como uma prática que também incorpora sentidos políticos, frente às exigências da sociedade nacional.

A atuação dos povos indígenas, de um modo geral, tem se desdobrado contemporaneamente na sua articulação política, visibilizando o seu protagonismo na cena pública nacional, que se realiza sob diversas formas, mobilizando diferentes saberes, antigos, novos e ressignificados. Movimento no qual os atores sociais utilizam diferentes formas e estratégias de negociação para a construção e reconstrução de suas identidades étnicas, no enfrentamento de conflitos, configurando-se um campo onde suas identidades são acionadas e ressignificadas permanentemente em função de contextos históricos e sociais determinados, sobretudo em momentos de crise e de disputas. Nesse contexto, a cultura é alterada historicamente na atuação dos seus sujeitos, e a sua transformação é também um modo de sua reprodução.

REFERÊNCIAS

- ACÇOLINI, Grazielle. Xamanismo e Protestantismo entre os Terena: contemporaneidades. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 24-47, jan./jun. 2012.
- ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida. **Pacificando o Branco**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Metamorfoses Indígenas**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- ALTENFELDER SILVA, Fernando. **Religião Terena**. Cidade do México: Acta Americana, 1946. v. 4.
- ALTENFELDER SILVA, Fernando. Mudança cultural dos Terena. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. 3, p. 271-380, 1949.
- BALDUS, Herbert. Lendas dos Índios *Tereno*. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, Nova Série, v. IV, p. 218-221, 1950.
- BATISTA, Adriana Pio. **A Koixomuneti Terena da Aldeia Água Branca**. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2014.
- BITTENCOURT, Circe M. F.; LADEIRA, M. Elisa. **A história do Povo Terena**. São Paulo: USP/CTI, 2000.

CARVALHO, Fernanda. **Koixomunetí e outros curadores**: xamanismo e práticas de cura entre os Terena. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

CARVALHO, Fernanda. **Koixomunetí e outros curadores**: xamanismo e práticas de cura entre os Terena. São Paulo: Terceira Margem, 2008.

CUCHE, Denys. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Fátima Cristina F. Duarte. **Caminhando pelo mundo**: mitologia Terena. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios**. São Paulo: Cosac-Naify, 2009.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Conquista Colonial, Resistência Indígena e Formação do Estado-Nação: os índios Guaicuru e Guaná no Mato Grosso do Século XIX. Reunião Brasileira de Antropologia, 25., 2006, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: ABA, 2006.

JESUS, Naine. T. **Kohexoti-Kipaé, a Dança da Ema**: memória, resistência e cotidiano Terena. Dissertação (Mestrado em Arte) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. Mitológicas v. 1.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Do mel às cinzas**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. Mitológicas v. 2.

MARCUS, George E.; FISHER, Michael J. J. **Anthropology as Cultural Critique**. Chicago: Chicago University Press, 1986.

MARTINEZ, Ângela Benitez. **Mitos e Ritos do Povo Terena**. Campo Grande/MS: Editora da UCDB, 2003.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da História Indígena no Brasil. *In*: SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís D. Benzi (Org.). **A temática indígena na Escola**: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

MONTEIRO, John Manuel. Armas e Armadilhas. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **A Outra Margem do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, Tapuias e os Historiadores**: Estudos de História Indígena e do Indigenismo. Tese (Livre Docência) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. **UNIEDAS**: símbolo da apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena (1972-1993). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2001.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. **O processo de terenização do cristianismo na terra indígena Taunay/Ipegue no século XX**. Campinas: UNICAMP, 2009.

NOVAIS, Sandra Nara da Silva. **Prática social de ressignificação da educação escolar indígena**: compreendendo os processos educativos do cotidiano Terena do município de

Aquidauana-MS. São Carlos, SP: UFSCar, 2013.

OLIVEIRA, Eder Alcântara. **Uma apresentação iconográfica dos rituais religiosos/culturais Terena na Aldeia Buriti, MS.** *Tellus*, Campo Grande/MS, ano 16, n. 30, p. 177-186, jan./jun. 2016.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Do Índio ao Bugre:** o processo de assimilação dos Terenas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A Viagem da Volta.** Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti:** as formas organizacionais, territorialização da identidade étnica. Dourados: Editora da UFGD, 2009.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História.** Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987.

SILVA, Antonio Carlos Seizer da. **Educação escolar indígena na Aldeia Bananal:** Prática e Utopia. Campo Grande/MS: UCDB, 2009.

SILVA, F. Altenfelder. Mudança Cultural dos Terena. **Revista do Museu Paulista**, São Paulo, v. III, n. 8, p. 271-379, 1949.

SOUZA, Sandra Cristina de. Os Koixomuneti e a religiosidade Terena. *In:* Simpósio Religiões e Religiosidades, 2., 2006, Dourados. **Anais [...]**. Dourados: UFMS, 2006.

SUSNIK, Branisawa. **Etnologia do Chaco Boreal y su periferia.** Assunção: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1978.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Etnologia e História Indígena.** São Paulo: NHII/USP/FAPESP, 1993.

Recebido em: 16 de agosto de 2019.

Aprovado em: 22 de dezembro de 2019.

